

APRESENTAÇÃO

CULTURA VISUAL E NARRATIVAS DA ALTERIDADE: UM RELACIONAMENTO NECESSÁRIO E DESAFIADOR

Fernando Hernández

Ana Cleia Christovam Hoffman

Laura Ribero Rueda

OS MOTIVOS DE UMA PROPOSTA E A NOTIFICAÇÃO DE UMA SURPRESA

A primeira ideia que nos levou a planejar a temática deste dossiê foi a constatação de que, nas sociedades contemporâneas dominadas pela onipresença de imagens e dispositivos visuais, é cada vez mais evidente que a formação e relações com o Outro estão atravessadas pela matriz da cultura visual. Uma matriz que analisa e questiona continuamente a importância das imagens e como elas subjetivam nossas vidas, compondo nossas percepções e nossas relações com o mundo e com os outros.

Ao considerar esse ponto de partida, pensamos que as bases teóricas que entrelaçam os estudos sobre a alteridade, das discursividades filosóficas de Levinas (1999), Deleuze e Guattari (1995), entre outros; das pedagogias da alteridade de Mínguez Vallejos e Linares Borboa (2023) até a decolonialidade, com hooks (2010) e Walsh (2012), e os movimentos contemporâneos sobre a cultura visual de Mirzoeff (2023) e Didi-Huberman (2024), ofereciam uma riqueza de possibilidades para os colaboradores deste dossiê. Acima de tudo, porque o convite que fizemos foi o de relacionar esses dois campos de pensamento com a pesquisa sobre práticas e manifestações culturais, educacionais e artísticas que constituem espaços nos quais a cultura visual emprega seu “agenciamento” na configuração de processos de análise e fabricação de alteridades, de forma interdisciplinar e plural.

No entanto, a leitura feita pela maioria dos que responderam à chamada de trabalhos deste dossiê ignorou a possibilidade de pensar sobre os projetos e as pesquisas que eles apresentam dentro das abordagens oferecidas pela alteridade e pela cultura visual. Dizemos isso não como um questionamento do que é apresentado aqui, mas como um sintoma de uma maneira de abordar projetos e pesquisas, mais focada em dar conta do que está sendo feito e de quem está fazendo, mas não em abrir espaços para o pensamento e a geração de conhecimento a partir desse fazer.

Este não é o lugar para analisarmos o que faz com que essa separação dualista seja sustentada e normalizada na academia e fora dela, mas queremos chamar a atenção para esse fenômeno, que pode ter a ver com o utilitarismo e a hegemonia do *know-how* que domina o regime de verdade do tecnocapitalismo que descarta, como conhecimento inútil, o questionamento e as formas críticas de pensar.

CRUZANDO A(S) ALTERIDADE(S) COM A CULTURA VISUAL

Por cultura visual entendemos todas as realidades visuais que afetam o ser humano. Com isto referimo-nos às imagens (sobretudo as artificiais) que expressam e modelam o modo de pensar, de viver e de amar em nossa vida diária. Mirzoeff (2023, p.19) escreve que

Uma cultura visual não é simplesmente a soma de tudo o que foi feito para ser visto, como pinturas ou filmes. Uma cultura visual são as relações entre o visível e os nomes que damos ao que é visto. Também abrange o invisível ou o que está oculto à vista. Em suma, não vemos simplesmente o que é visível e o que chamamos de cultura visual. Em vez disso, montamos uma visão do mundo que é consistente com o que sabemos e já vivenciamos.

É por isso que, na cultura visual, há sempre um Outro. Quem olha e quem é olhado. Quem representa e quem é representado. Quem conta e quem é contado. Quem subjetiva e quem é subjetivado. Quem mostra e quem é mostrado. O que se relaciona e o que é relacionado. O que torna visível e o que torna invisível. Um Outro que inscreve e é inscrito em dicotomias ou interseccionalidades.

E o fato é que as imagens e outros dispositivos que compõem a cultura visual não estão lá para serem lidos e decifrados, mas para manter o controle das coisas que eles "fazem" porque têm "agência". Isso significa que elas podem influenciar, reforçar, desafiar e mudar nossas ideias e a maneira como pensamos sobre o mundo, os relacionamentos e nós mesmos, e assim podem nos fazer questionar o que achamos que sabemos. Elas podem ser a causa de novos conhecimentos ou formas de ver o mundo, elas podem nos fornecer informações, podem nos deixar irritados, tristes, felizes ou intrigados e como as imagens criam "coisas", elas moldam espaços de relacionamento. E nessas relações sempre há outras. Há sempre um Outro. Porque, como diz Levinas (1997, p. 60) "O eu não é um ser que permanece sempre o mesmo, mas o ser cuja existência consiste em se identificar, em recuperar sua identidade por meio de tudo o que lhe acontece".

Para Levinas (1997, p. 60), o pensamento da alteridade enfatiza a perspectiva relacional e aberta da subjetividade, e seu projeto é refletir sobre as dimensões e as possibilidades que dela derivam. Portanto,

para dar conta da identidade, é essencial levar em consideração a exterioridade e as várias formas de se relacionar com ela. E essa exterioridade é configurada por outros (humanos e não humanos).

Daí a relevância do que Bensussan diz (*in* Martos, 2008, p. 33): “a subjetividade do sujeito é descentrada e destituída para ser reexaminada à luz da alteridade; é o Outro que vem em minha direção e interage comigo que faz emergir minha identidade individual, e não o contrário”. Na relação que este dossiê coloca, esse outro que vem e interage conosco não o faz com palavras, mas por meio de imagens e dispositivos da cultura visual, o que o torna mais poroso e obscuro, mais aberto a interpretações e sensibilidades que carregam ruídos e opacidade que exigem um olhar crítico.

Talvez sejam Deleuze e Guattari (1992) que estabelecem uma relação mais produtiva entre a cultura visual e a alteridade, especialmente quando eles nos levam a considerar que as imagens e os artefatos da cultura visual são, como conceitos, centros de vibrações, cada um em si mesmo e cada um em relação aos outros. Por essa razão, “tudo ressoa, em vez de se suceder ou corresponder ao outro” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 31).

Devido à complexidade do nosso mundo, juntamente com a enorme quantidade de imagens que encontramos diariamente, entender como as imagens funcionam e a ética de seu uso em projetos educacionais e artísticos é mais urgente do que nunca. E o lugar para se concentrar nessa “agência” das imagens que moldam a cultura visual tem a ver com o modo como os outros são mostrados, tornados invisíveis, reconfigurados e ignorados, e como a relação com os outros - dependência, hegemonização, exclusão, colonização, etc. - dá significado às subjetividades dos visualizadores. Daí a importância de três dos focos da cultura visual em sua interseção com a filosofia e as relações de alteridade: Interrogar as leituras e visões dominantes, problematizar os significados singulares (únicos) e deixar o espectador (visualizador) com uma sensação clara de que as ideologias podem operar por meio de objetos aparentemente inócuos. Esse último é relevante porque, como Didi-Huberman (2024) aponta, as imagens são capazes de tocar o real e, em seu contato com o real, elas nos oferecem a verdade dessa realidade, sua memória. É por isso que a imagem é mais um evento concreto do que uma estrutura visível. E, na realidade, como indicamos no início, sempre há os outros.

A ORGANIZAÇÃO DO DOSSIÊ E AS CONTRIBUIÇÕES DOS ARTIGOS

A partir das considerações acima, a contribuição dos artigos para este dossiê foi organizada, primeiramente, através da reunião de textos que aproximam alteridade e cultural visual. São eles: *Siempre hay un otro en la relación pedagógica: imágenes que dan cuenta del reconocimiento de la alteridad en el aprender de los estudiantes*, dos autores Fernando Hernández-Hernández (Barcelona) e Estíbaliz J. de

Aberasturi (Donostia), que relata um processo de pesquisa no qual a alteridade é projetada nas relações que os estudantes universitários estabelecem em suas experiências de aprendizagem; *La infancia como alteridad*, da autora Gloria Lapeña Gallego (Granada, Espanha), onde se discute a infância como alteridade e subjetividades de gênero em livros de artistas; *Da literatura ao cinema: representações pós-coloniais em O último voo do Flamingo* de Lola Geraldes Xavier (Macau, Brasil) e que apresenta as relações entre o filme e o romance homônimo de Mia Couto, interligando ficção e história; *Arte digital e vigilância: Compartilhamento de corpo na era das câmeras e da inteligência artificial (IA)*, de Pedro Ortuño Mengual e Paloma González Díaz (Múrcia/Barcelona), que combina o físico e o digital para refletir criticamente sobre a vigilância e o controle de dados na sociedade atual.

No campo dos estudos de gênero, os artigos *Performances “unjustifiable” y “you may now kiss the groom”: alfabetización visual sobre personas gais en la república de Corea*, de Claritza Arlenet Peña Zerpa e Jose Alirio Peña Zerpa (Venezuela/Argentina), e *Coeducación y cultura visual en series de ficción: una mirada a la alteridade*, de Simón Gil Tévar, José Javier Hueso Romero e Javier Gil Quintana (Madri, Espanha), discutem como as séries de ficção têm se configurado como agentes socializadores, influenciando a construção social da identidade e da alteridade, desafiando ou perpetuando estereótipos e papéis discriminatórios de gênero.

Na segunda parte do dossiê, os artigos trazem abordagens colaborativas em práticas e projetos artísticos: *Abordajes metodológicos en las prácticas artísticas colaborativas en Chile*, dos autores Rosario García-Huidobro, Gabriel Hoecker e José Mela (Chile) mostra parte dos resultados de um projeto com foco em como as práticas de mediação artística contribuem para enfrentar os desafios socioculturais no Chile e para promover sua implementação em diversas comunidades; *Artería y arte obrera: procesos creativos abiertos en la ciudad de México*, da autora Inmaculada Abarca-Martínez (Múrcia, Espanha), apresenta um projeto colaborativo independente que descoloniza a cultura *mainstream* como a corrente dominante nas grandes cidades, gerando um espaço cultural que favorece a configuração de redes comunitárias por meio do diálogo entre os habitantes da área; *Harraga. En el (no) lugar del otro. Un proyecto artístico cooperativo en la educación de posgrado*, de Salvador Conesa Tejada (Múrcia, Espanha), relata uma experiência de ensino cooperativo enquadrada na estrutura de estudos artísticos de pós-graduação em Belas Artes, cujo tema tratava dos fluxos migratórios e dos problemas derivados das políticas migratórias; *Características y métodos propios del cine colaborativo y del audiovisual participativo en otras tipologías y movimientos de creación audiovisual*, do autor Lázaro Cruz García (Múrcia, Espanha), aborda o cinema colaborativo e a outras grandes categorias de criação audiovisual participativa para desenvolver metodologias e práticas que focam sua prática na criação audiovisual participativa.

Discutindo experiências em educação artística e poéticas artísticas, temos as seguintes colaborações: *Reinterpretaciones descoloniales de la pintura occidental: aproximaciones a la obra de armonía rosales y sandra gamarra*, de Aurora Alcaide-Ramírez, Dolores Alcaide Ramírez e Laura Ribero Rueda (Espanha, Estados Unidos, Brasil), é um ensaio que analisa o trabalho de duas artistas da diáspora latino-americana: Sangra Gamarra e Harmonia Rosales; *Proyecto punto de encuentro. Arte participativo realizado entre personas con y sin diversidad funcional para celebrar la alteridad y favorecer la inclusión social desde la educación artística*, da autora Eva Cristina Mesas Escobar (Madri, Espanha), é descrita uma experiência artística participativa realizada por um grupo de pessoas com e sem diversidade funcional, dentro de uma estrutura artístico-educacional, na Universidade de Múrcia (Espanha); *Manoela Cavalinho: palavra e imagem na arte contemporânea, pela democracia, memória e elaboração do trauma da ditadura de 1964*, dos autores Cristiane Lawall, Rodrigo Perla Martins e Walter Karwatzki (Brasil), aborda a construção de memórias individuais e coletivas dentro de grupos sociais que passam por eventos traumáticos, como no caso de nosso país, como construiu-se memória social sobre nosso passado ditatorial. Por último, o dossiê apresenta um artigo com abordagem metodológica para moda e tendências *A velhice e a moda tecendo reflexões sobre a tendência grandpacore* dos autores Débora Pires Teixeira, Ítalo José de Medeiros Dantas, Glauber Soares Júnior e Fabiano Eloy Atílio Batista (Rio de Janeiro/Minas Gerais/Rio Grande do Sul).

CONSIDERAÇÕES

Esperamos que as contribuições derivadas da colocação dos autores e autoras dos artigos sobre os diferentes temas propostos para o dossiê mantenham nossa atenção. Ao mesmo tempo, isso nos permitirá continuar a conversa sobre as seguintes questões:

Interromper o papel das imagens em um regime de afetos que liga o que vemos ao que somos e ao que deveríamos ser; e o que os outros são e o que imaginamos que eles deveriam ser.

Questionar o papel das imagens na circulação do sensível e nos modos de distribuição do regime de afetos. Afetos que, em uma perspectiva spinoziana, se desdobram do movimento dos corpos para entrar em relação com os outros com os quais somos constituídos.

Não se deve perder de vista o fato de que a cultura visual coloca o foco além da interpretação das imagens e de sua circulação.

A cultura visual, nos tempos em que vivemos e que nos habitam, também pode ser, como observa Mirzoeff (2023), uma forma de ativismo visual, ou ativação do visível, uma prática, uma maneira de fazer, criar e ver.

Por fim, é relevante ressaltar que uma abordagem crítica da cultura visual passa, antes de mais nada, por um questionamento do conceito de representação, ao mostrar que o isomorfismo entre linguagem (imagem) e realidade não é possível: algo é sempre acrescentado ou retirado. Tendo isso em mente, evitarei considerar o Outro como um estranho e o abordarei como alguém que, na intra-ação, nos constitui.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 5 ed^a. 1^a reimp. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, G. Soy aficionado al flamenco y quería hacerle un homenaje al duende (entrevista por Maria Marco). **El Cultural**, 8 novembro, p. 28-31. 2024.

hooks, b. **Teaching Critical Thinking: Practical Wisdom**. New York and London: Routledge, 2010. 198 p.

LEVINAS, E. **Totalidad e Infinito**: Ensayo sobre la exterioridad. Salamanca: Sígueme, 1997. 156 p.

MÍNGUEZ VALLEJOS, R.; LINARES BORBOA, L. (coords.) **La pedagogía de la alteridad**: un compromiso ético con otro modo de educar. Barcelona: Octaedro. 2023. 190 p.

MIRZOEFF, N. **An introduction to Visual Culture**, third edition, New York and London:: Routledge. 2023. 328 p.

WALSH, C. Hacia la descolonización de las ciencias sociales (entrevista). In: Arribas, A. N.; García-González, N.; Álvarez, A.; Ortega, A. (eds.). **Tentativas, contagios, desbordes**: Territorios del pensamiento. Granada: Universidad de Granada. 2012. p.73-101